



Rabeca
sertaneja
por Maísa Arantes

Rabeca Sertaneja:

vivências e aprendizados

Maísa Arantes Amorim

Marcelo Neder Cerqueira



Rabeca Sertaneja:

vivências e aprendizados

REALIZAÇÃO:

Secretaria de Cultura do Distrito Federal

AUTORES:

Maísa Arantes Amorim e Marcelo Neder Cerqueira

PRODUÇÃO:

Terrestre

GESTÃO ADMINISTRATIVA:

Incentivem

PROJETO GRÁFICO E FOTOGRAFIAS:

Terrestre

EQUIPE RESPONSÁVEL

Amanda Rabelo - Design e Webdesigner

Caliane Oliveira – Produção e Comunicação

Carolina Cunha - Assistente de Pesquisa, Design e Vídeo

Hugo Gomes – Gestor Administrativo

Kened França - Desenvolvedor Web

Maísa Arantes - Pesquisa

Malu Teodoro - Fotografia e Vídeo

Marcelo Neder – Pesquisador e Orientador de Pesquisa

Márcia Gomes - Gestora Administrativa

Thane Lima - Fotografia e Vídeo



www.rabecasertaneja.com.br

Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.



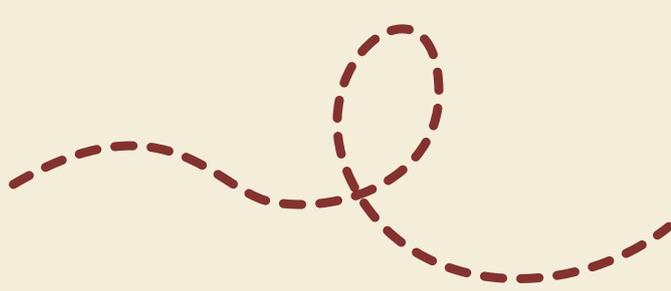
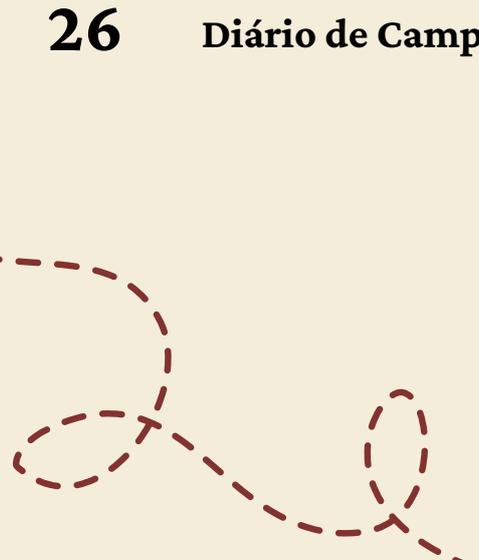
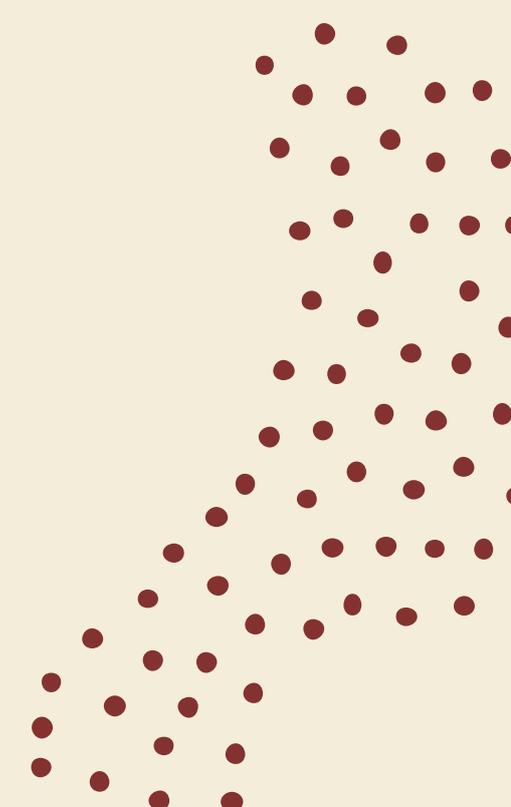
Secretaria de
Cultura e
Economia Criativa



Brasília 2021

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Sumário

- 
- 
- 
- 01** **Introdução**
- 02** **Apresentação**
- 04** **Artigo: a Rabeca Sertaneja de Maísa Arantes: caminhos culturais da rabeca em Brasília e no centro-oeste**
- 09** **Relato de Experiência: Diário de Campo de Maísa Arantes**
- 10** **Diário de Campo: Sebastião Pereira Rodrigues**
- 26** **Diário de Campo: Domingos Gonçalves Santos**

Introdução

Rabeca Sertaneja é um projeto de pesquisa que faz o mapeamento, a documentação e a difusão da produção cultural de rabequeiros e artesãos ligados à rabeca das regiões do Centro Oeste e do Cerrado brasileiro.

Idealizado por Maísa Arantes, o projeto Rabeca Sertaneja busca registrar os encontros com os mestres da cultura popular e as novas gerações de rabequeiros, valorizando suas histórias de vida, experiências, as diferentes sonoridades do instrumento e a potência da cultura da rabeca cerratense.



Apresentação

Maísa Arantes de Amorim

Idealizadora e Pesquisadora do projeto Rabeca Sertaneja

Primeiramente o meu desejo com a presente pesquisa era o de descobrir como andava a atividade rabequística na região do Centro-Oeste e adjacências, procurando manifestações culturais e tocadores cerradão adentro. Uma busca pelo desconhecido através dos encontros! Entretanto, ao longo da experiência, o propósito do projeto passou por um momento de expansão e aprofundamento. A princípio, parecem contrastantes esses dois termos, mas fazem total sentido quando se fala em dar um sobrevoo, entender melhor qual o contexto que se está inserido e por fim, decidir de forma mais sóbria a respeito do caminho que se quer trilhar.

Esse processo alimentou e deu mais sustância ao desejo inicial, nascido a partir da intuição, e que tem então amadurecido a partir da reflexão sobre o ponto de encontro entre a ancestralidade e o presente, o tradicional e o moderno. É nessa encruzilhada que se encontra a rabeca, filha da América. A pesquisa em sua prática veio ao encontro dessas reflexões: ora concordando, ora surpreendendo. Mostrou a inovação dentro da tradição, a variação no seu tocar, mas principalmente a rabeca como um instrumento múltiplo, em contínua construção/transição.

Foram escolhidos cinco rabequeiros: Sebastião Pereira e Dominginhos (ambos de Ribeirão de Areia – MG), Robson Siqueira (Cidade Ocidental – GO), Daniel Carvalho (DF), Maísa Arantes (DF) e Jefferson Leite (Goiânia -GO). A escolha equilibrada entre rabequeiros de zonas rurais e urbanas possibilitou apontamentos diversificados sobre a realidade do instrumento em diferentes contextos e espaços, assim como uma reflexão sobre as matrizes da cultura rabequística no DF e entorno.

Por último, essa pesquisa feita de barro e asfalto, foi realizada por uma equipe muito generosa, sem a qual nada disso seria possível e a quem agradeço imensamente.

Depois de tudo, só restou uma certeza: ainda há muito chão pra correr.

Viva a rabeca!





Artigo

**A Rabeca Sertaneja de
Maísa Arantes:
caminhos culturais da
rabeca em Brasília e no
centro-oeste**

Marcelo Neder Cerqueira

Orientador teórico do projeto Rabeca Sertaneja. Músico, sociólogo, doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e pesquisador do Laboratório Cidade e Poder (LCP/UFF).





O projeto Rabeca Sertaneja, dirigido pela artista e pesquisadora Máisa Arantes, situa-se em um contexto histórico decisivo da cultura brasileira, em geral, e da rabeca, em particular. Não me refiro às dificuldades políticas e econômicas vivenciadas pelos agentes culturais, pesquisadores e artistas no contexto presente da pandemia COVID-19. Refiro-me ao fantástico movimento de expansão, transformação e conhecimento que a rabeca brasileira tem mobilizado nessas primeiras décadas do século XXI, especialmente entre as novas gerações – e com destaque para a atuação expressiva de jovens mulheres. Expansão, porque mesmo sem perder sua história e conexão com os festejos tradicionais, a rabeca viajou o Brasil e o mundo e já não cabe mais apenas no contexto dito tradicional: ela pegou uma moto e foi parar na periferia das cidades mais tumultuosas, agitando circuitos culturais alternativos de forró pé-de-serra e cultura popular.

Transformação, porque as novas gerações estão usando e abusando do instrumento, expandindo suas possibilidades, misturando linguagens, sotaques e inserindo a rabeca em diferentes contextos culturais da música popular. Conhecimento, porque a rabeca não é apenas um instrumento, mas sobretudo uma maneira de ser esse instrumento, um jeito de se expressar, uma linguagem cultural musical que ensina e conecta jovens tocadoras e tocadores com os saberes do Brasil profundo em suas muitas possibilidades de ser – numa viagem sem volta em busca de autoconhecimento, identidade, ancestralidade, respeito e humildade. Convém lembrar a relação de proximidade etimológica da origem do vocábulo latino *húmus*, terra, com *homo*, humano – aquele que está próximo da terra e se reconhece numa condição própria de existência e finitude, em diferença aos deuses.

Nesse contexto histórico decisivo de transição e transformação encontramos o Mestre Sebastião e Máisa Arantes encenando um passe cultural e geracional: um rito de passagem não muito programado, sem grandes ornamentos e perfumarias, mas que se fez verdadeiro, espontâneo, com a delicadeza de quem partilha um cafezinho, cachaça ou dedo de prosa. Assim foram as tardes mágicas em Ribeirão de Areia, repletas de vagalumes, conhecimento e simplicidade.



A vivência de quase uma semana na pequena comunidade rural da Chapada Gaúcha, sertão norte de Minas Gerais, dividindo a casa com a família do Mestre Bastião, possibilitou que a pesquisa atingisse maior densidade e profundidade na experiência de campo. O contato direto com o senso prático e artístico do mestre tocador revelou-se fundamental para o amadurecimento da reflexão crítica sobre a rabeca, a cultura popular e a música brasileira que Maísa Arantes vem lapidando com destreza e dedicação em suas atividades artísticas. O desafio, aqui, é pensar criticamente, sem amarras, absorvendo o senso prático e criativo transmitido pelo próprio mestre, como uma espécie de antídoto para as idealizações e conceitos abstratos que o senso comum acadêmico tende a recorrer. Refiro-me àqueles sempre problemáticos entendimentos essencialistas de conceitos como “cultura popular”, “identidade nacional”, ou qualquer outra destas ideias potencialmente falsificadas sobre o que seria a “verdadeira” expressão da cultura brasileira. O antídoto consiste em desarmar as armadilhas romântico-conservadoras que assombram os usos interessados do nacionalismo cultural, em favor de um entendimento mais dinâmico, artístico e criativo sobre os processos transculturais que fazem a rabeca, tal como a filosofia prática do próprio Mestre Sebastião nos ensina.

As entrevistas contempladas pela pesquisa de campo do projeto Rabeca Sertaneja são capazes de esboçar uma síntese dos três principais caminhos culturais da rabeca identificados no centro-oeste do Brasil: (1) a via das tradicionais Folias de Reis e Festas do Divino; (2) a via do Teatro de Mamulengos; (3) a via do Forró Pé-de-Serra, já mais urbanizado, com notável influência da cultura pernambucana, mas não apenas. São caminhos que se cruzam e, por vezes, se combinam, mas que seguem inspirando a atuação prática de diferentes musicistas, tocadores e artesãos – veredas de um manancial cultural que dá água de beber e sentido artístico para as novas gerações.

A primeira via foi contemplada pela viagem imersiva em Ribeirão de Areia, área rural do município de Chapada Gaúcha (MG), mas também em Cidade Ocidental, no Goiás, entorno do Distrito Federal – onde manifesta-se a expressiva influência cultural do Quilombo Mesquita nos festejos religiosos. Nessa linha, situam-se os depoimentos de Seu Bastião e Seu Domingos, ambos da comunidade Ribeirão de Areia. Mestre Sebastião destaca-se pela atuação na tradicional Folia de Reis do Seu Jonas, mas também como artesão, consolidando-se como uma referência cultural da comunidade – motivo mesmo de peregrinação de amantes da rabeca de todo o Brasil e do mundo.

² A história da família do Mestre Itim, avô de Seu Bastião, com a construção de rabecas e a folia de reis em Ribeirão de Areia foi também registrada na publicação de “Tocadores” (2002). CORRÊA, Roberto; MARCHI, Lia; SAENGER, Juliana. Tocadores: homem, terra, música e cordas. Curitiba: Olaria, 2002.



Em Cidade Ocidental (GO), por sua vez, registrou-se também outro importante caminho cultural da rabeca: a via do teatro de mamulengos, representada pelo depoimento do palhaço-artesão Robson e sua história singular entre a rabeca e a ação social. O mamulengo e o teatro popular vão aparecer na trajetória artística de grande parte dos tocadores do Distrito Federal e Entorno. Configura-se como potencial campo de atuação profissional, mas, sobretudo, como uma escola de cultura popular – tal como os depoimentos de Maísa Arantes, Jefferson Leite e Daniel Carvalho também indicam. Ambos os tocadores já atuaram ou ainda atuam com o teatro mamulengos. Nessa linha, destacam-se aqui o papel construtivo de Chico Simões, do Mamulengo Presepada, de Carlos Babau, do Carroça de Mamulengos, de Thiago Francisco, do Mamulengo Fuzuê, e também do Mestre Zezito (José André dos Santos) – que encenava o célebre palhaço Pilombeta, figura fundamental na história de diversos grupos brincantes da região. Todos estes atuaram como fomentadores mais ou menos diretos da rabeca, suas linguagens e conhecimentos, e estão na base da formação artística de jovens tocadoras e tocadores de Brasília (mesmo entre aqueles que ainda não se deram conta disso).

Já o caminho cultural do forró pé-de-serra foi contemplado em especial pelas entrevistas de Jefferson Leite (Goiânia) e Daniel Carvalho (Brasília), além do depoimento da própria Maísa Arantes. Como representantes da nova geração, encontramos aqui algumas singularidades referidas à trajetória de cada um. São tocadores que se aproximam mais do conceito moderno de músico profissional, se assim pudermos classificar, como artistas que trabalham e pagam suas contas com a música, através de apresentações musicais, aulas particulares, oficinas, gravações, projetos, etc. Suas atividades transitam principalmente entre o forró pé-de-serra e o teatro de mamulengos, atuando em bailes e movimentos culturais independentes construídos em determinados territórios alternativos do Distrito Federal.

Nesse cenário, destacam-se: (1) a ocupação cultural do Mercado Sul, em Taguatinga – onde também se encontra o Ponto de Cultura Invenção Brasileira, de Chico Simões; (2) o Grupo Seu Estrelo e Fuá do Terreiro, que nos últimos dezesseis anos vem adaptando as tradições culturais do maracatu e do cavalo-marinho pernambucanos ao ambiente cultural de Brasília – com marcante inspiração do Mestre Salustiano; (3) o CONIC, no centro de Brasília, em cima do rodoviária do Plano Piloto, onde o conjunto musical Forró do B mobilizou um baile-ocupação de forró de rabeca por três anos, integrando o conjunto de iniciativas culturais independentes realizadas na região; (4) a Universidade de Brasília (UnB), como espaço cultural aberto à cidade, que acolheu em seus jardins as oficinas livres de banda de pífanos dirigidas pelo Mestre Zé do Pife (São José do Egito, PE), transformando-se em um ponto informal de difusão dos saberes da cultura popular. Destaca-se o papel fundamental que o Mestre Zé do Pife vem desempenhando há muitos anos com as juventudes do Distrito Federal – um verdadeiro patrimônio vivo da cidade.



A própria trajetória artística de Maísa Arantes pode ser tomada como uma síntese da combinação desses diferentes caminhos culturais da rabeca pelo centro-oeste brasileiro. Em seu depoimento, a artista conta que a primeira vez que viu o instrumento foi precisamente em um encontro de Folia de Reis, na Granja do Torto, onde Mestre Bastião expunha suas rabecas. A então jovem estudante da Escola de Música de Brasília encantara-se com o pífano, tornando-se aprendiz do Mestre Zé do Pife, da primeira geração, logo formando o grupo Zé do Pife e as Juvelinas, fundado em 2007. Licenciada em Música pela UnB, Maísa destaca ainda a influência da cultura pernambucana em Brasília, reconhecendo a atuação do grupo Mestre Ambrósio na popularização da rabeca. Observa-se que desde meados dos anos 1990, através da difusão cultural e comercial do movimento Mangubeat, a cultura pernambucana vem dinamizando o imaginário das juventudes urbanas de todo o Brasil.

Da banda de pífanos, encantando-se com a rabeca, Maísa foi abraçada pela escola do teatro de mamulengos, atuando com Chico Simões, e em seguida integrando-se ao Mamulengo Fuzuê, de Thiago Francisco, onde segue atuando até hoje. Do teatro de mamulengo ao forró pé-de-serra, Maísa Arantes foi idealizadora da banda Chinelo de Couro, introduzindo o conceito do forró de rabeca no cenário musical de Brasília. A artista participou ainda do baile multicultural do grupo Forró do B, no CONIC – experiência mantida semanalmente por três anos consecutivos, até a chegada da pandemia de Covid-19. Circulando pelas diferentes quebradas da cidade, a cantora, rabequeira e pifeira atuou também junto com o histórico Trio Siridó, bebendo na fonte dos mestres pioneiros do forró pé-de-serra de Ceilândia, e integra a Quadrilha Arroxa o Nó, do Paranoá.

Toda essa trajetória e experiência, manifesta e elaborada construtivamente pelo projeto Rabeca Sertaneja, faz de Maísa Arantes uma jovem musicista, pesquisadora, educadora e agente cultural de suma importância para o futuro da rabeca no Brasil. Tal como costuma ser nas pesquisas científicas de alta complexidade, movidas pela paixão e pelo compromisso com o pensamento crítico, os resultados encontrados costumam deixar um sabor de falta – mantendo acesa aquela chama do constante “por fazer” que empurra a inquietação humana para um novo começo. Aqui temos uma pequena amostra dos caminhos culturais da rabeca pelo centro-oeste. Tenho convicção que o projeto Rabeca Sertaneja é um passo inicial de muitas outras pesquisas e projetos que ainda virão.



Relato de Experiência

Diário de Campo

Relatos de viagem a campo do trabalho de pesquisa

Maísa Arantes

Idealizadora e Pesquisadora do projeto Rabeca Sertaneja.





Diário de Campo

Maísa Arantes

Sebastião Pereira Rodrigues

Comunidade de Ribeirão de Areia

Chapada Gaúcha (MG)

Novembro de 2020



Já na viagem de ida me sentia cheia de expectativa sobre o porvir, imaginando como seria a interação com Mestre Sebastião e a família: numa espécie de concentração para conseguir captar o máximo dos momentos, estando de corpo presente, ao mesmo tempo que tendo de pronto a capacidade de refletir e reagir da melhor forma possível às situações. Isso sem contar com o principal: deixar os momentos fluírem a fim de que minha intervenção fosse mínima e não distorcesse o contexto. Mas... como ser objetiva, deixando fluir? Ufa! Essa é uma capacidade que se adquire com a experiência: é nos momentos mais “normais” do cotidiano que os fatos se revelam com mais autenticidade. Imagina, por exemplo, se Dona Vaní (esposa de Bastião) me perguntasse: “Você quer café com açúcar ou sem?“, e eu respondesse do nada: “qual o impacto da monocultura na região?” Desnecessário. É preciso buscar a hora, a forma e os momentos das perguntas. Às vezes, o momento oficial da pesquisa, como em uma entrevista, tem menos autenticidade que um momento de descontração onde são reveladas entrelinhas fantásticas. É preciso ser humano pra pesquisar.

Digo tudo isso porque sempre me incomodou o lugar de pesquisadora, no sentido de que me aborrece a ideia do outro como um objeto. Indo mais além, me intriga a oficialização da minha visão sobre o outro, registrada na pesquisa. Refletia sobre isso ainda em Brasília, no preparo da viagem, na estrada. Por fim, após 300km rodados, seis horas de viagem, tendo passado uma delas perdida no meio do mato com a equipe, chegamos. E foi nesse processo que eu aterrei. Em meio à poeira, fome, cansaço e luta contra a ansiedade. Me perguntava: “Se eu estou preocupada com o porvir, imagina quais são as expectativas deles sobre mim?” E foi nessa tonteira de pensamentos, fome e insalubridade que me vi mais humana que nunca. A precariedade da situação me fez virar um tanto bicho e... Chegada! Pé no chão e logo mais olho no olho. Quer dizer, olho no olho ainda não.

Bastião nos recebeu cordialmente, deu as boas-vindas cumprimentando a todos junto com sua esposa Vaní. Quando chegou minha vez, estendeu a mão com respeito, perguntou como eu estava, como foi a viagem, mas nada de olho no olho. Claro que eu não pensei ser algo pessoal, e de pronto levantei a hipótese da cultura religiosa masculina e também da possível timidez. Encarei o gesto de não olhar no olho acima de tudo como respeitoso.



"Vamos pra dentro!", disseram. E assim seguimos sem descarregar nada da bagagem. Logo na entrada, na parede da esquerda, pude ver algumas rabecas penduradas junto com outros instrumentos (violas e percussões) e algumas variedades de chapéu. A casa simples tinha uma boa estrutura e estava muito arrumada, o que nos deu uma sensação de acolhimento imediato. Chegando na varanda, lugar bem arejado ao lado da cozinha, Bastião nos convidou a sentar e fez questão que nos acomodássemos nos melhores lugares: lindos bancos largos de madeira bruta cortada, bem rústicos. Ele, curiosamente, sentou-se num tamborete baixinho, um tanto fora dos olhares de parte da equipe, que ficou de costas. Na hora, isso me causou um certo incômodo, me deu vontade de falar: "Sebastião, vem pra cá sentar com a gente", mas também fiquei tímida e preferi respeitar o momento. Não queria que ele ficasse desconfortável por nós, embora a equipe de produção já tivesse intimidade com a família. Depois, com distanciamento da situação, pensei sobre o ocorrido: talvez pela timidez ainda não conseguisse se colocar na roda, afinal, tínhamos acabado de chegar, somando-se ao fato também da maior parte da equipe ser composta por mulheres (cinco de seis) e de sermos muitos. Talvez ele quisesse observar de fora o grupo, entender o que estava acontecendo, ou mesmo numa relação de anfitrião e humildade oferecer uma boa hospedagem.

Nessa atitude, também pude perceber mais uma vez o respeito a nós, à nossa dinâmica. Ele quis dar o melhor que tinha para que nos sentíssemos acolhidos e assim foi: ficamos bem à vontade. Eu me sentia inquieta, queria me aproximar mais e estava empenhada em conseguir! Depois de mais achegados, descobri que os bancos foram feitos por ele, além de muitos outros utensílios, máquinas, estruturas, cercas, e por fim, instrumentos musicais (como os pendurados da parede). Porque segundo ele, na roça "a gente é obrigado a aprender de tudo e usar do que é preciso". Claro! Como não? Fiquei feliz com essa declaração.

Ao longo da estadia, pude identificar nele e na Vaní um caráter realizador, construtor, de conhecimento do roçado, cuidado com os animais (galinhas e porcos), cooperação e articulação com a comunidade. Vani é uma excelente cozinheira, artesã (faz lindas esteiras de palha ou de plástico colorido), produtora da roça e vendedora. Ele é construtor, marceneiro, pedreiro, faz máquinas, uma lista inumerável de habilidades além da construção de diversos instrumentos: caixas de folia, violas, percussões diversas e rabecas. Conhecem de tudo e mais um pouco.



Bastião conta que construiu sua primeira rabeca aos vinte e um anos, quando começou a tocar. Vindo de família de foliões, foi com seu avô Itim (Salustiano) que teve o primeiro contato com a rabeca. Mas na época, menino não podia ficar mexendo em instrumento dos mais velhos. A liberdade para tocar veio com a construção do seu próprio instrumento, momento a partir do qual foi aprendendo e se inserindo aos poucos como rabequeiro da folia de reis, junto ao avô. Observa-se nesse ponto o valor do conhecimento, da habilidade manual, de um certo senso prático que potencializa a liberdade e autonomia nas práticas do dia-a-dia. Para completar a sagacidade, a afinação utilizada por ele tem história e começa aos dez anos de idade com o seu primeiro instrumento: o cavaquinho. Sim! Sebastião afina as quatro cordas de sua rabeca como cavaquinho. Nada poderia ser mais prático! Além disso, ele usa encordoamento de cavaquinho na rabeca, mesclado com o de viola caipira (as duas mais agudas). Ele conta que sua paixão pela rabeca aflorou quando passou por lá uma outra folia que tinha rabeca, mas numa afinação diversa de seu avô. Pegou algumas dicas e foi adiante, em sua trajetória junto ao instrumento.

Passado um cadinho de tempo, logo já estávamos almoçando aquela maravilhosa comida de forno a lenha preparada com cuidado pela Vaní, com direito a suco de umbú e cafezinho, quase tudo da roça deles (até o feijão). Foi uma recepção maravilhosa que encantou a todos. Fomos alojados, muito bem instalados. É daquelas casas antigas que a parede não atinge o teto. Lembrei da infância na casa dos meus avós no interior de Minas e Goiás.

A equipe de pesquisa e audiovisual, composta por cinco mulheres e um homem, já era conhecida da comunidade e demonstrou-se sensível e respeitosa nos momentos vivenciados.

A família de Bastião e Vaní era composta por dois filhos: Matheus e Thiago (que já era casado e morava em Chapada Gaúcha, município administrativo da comunidade Ribeirão de Areia). Eles tiveram ainda uma filha que veio a falecer muito cedo. Contam que o avô Itinho foi um dos primeiros a povoar a região de Ribeirão de Areia na década de 1950. Ali assentou a morada e o povo da região diz que desde então já acontecia a Folia de Reis, atualmente com setenta anos de existência! Hoje em dia os parentes vivem espalhados pela comunidade, muitos deles também foliões. Outra família de reconhecida tradição na folia é a dos Rocha, principalmente no que tange à percussão. A família de Itim, segundo alguns foliões, está mais relacionada com as cordas.





Sebastião Pereira em sua oficina

Logo no primeiro dia, de tardezinha, Bastião começou a trabalhar em duas rabecas que estavam quase finalizadas. Diante dos olhos curiosos, não se intimidou. Inclusive, foi muito generoso compartilhando os conhecimentos sobre madeiras e formas de construção. Contou que usava paus da região como a taioca (ipê branco) e o vinharco. Apreciava a imburana vermelha, a caxeta e também o cedro, embora não fossem de fácil acesso. Cada madeira tem propósito nas partes da rabeca.

A varanda da casa era seu lugar de trabalho, sentado num tamborete baixo, com seus instrumentos: facão, formão, lixadeira, e uma infinidade de outras coisas que guardava num quartinho empoeirado logo atrás. Eram todas ferramentas simples, algumas feitas por ele. Trabalhava na varandinha, virado pra frente da casa, à mostra de quem passasse. Gostava da interação. Quando terminou a primeira rabeca, passou selante e deixou secando. Verniz não, para ficar rústica. O produto ia evidenciando o desenho, as rajadas e veios próprios da madeira clara. Coisa linda de se ver! Enquanto secava o selante, coisas mágicas aconteciam no lugar: pontinhos luminosos iam surgindo do chão. Vagalumes! Uma infinidade como nunca havia visto: apareciam no meio das plantas, piscavam, sumiam. O sol laranja a essa hora já se punha na mata e os grilos, sapos e pássaros cantavam debaixo daquela poeira vermelha suspensa no ar.

Janta e prosa. Queria me aproximar mais de Sebastião e Vaní, queria saber mais sobre eles. Acessei as lembranças dos meus avós, ambos batalhadores como eram ali: levantar cedo, dar o de comer para os bichos, lenha no fogão, café, etc. Lembrei também dos meus pais que moram numa rocinha. Queria interagir melhor, que eles se sentissem à vontade. Fiquei até o último instante e felizmente aconteceu uma conversa. Falamos do roçado, das ervas que curam e mexem com os humores, das coisas da roça. Na informalidade da ocasião, senti mais sinceridade e proximidade. Pude perceber o orgulho que tinham de pertencer ao lugar que moravam, assim como das habilidades que dispunham. Dormi feliz com a troca de saberes e com a sensação de ter avançado um pouco na intimidade com eles.



Voltando ao avô, Mestre Itin, já falecido; foi um grande e respeitado folião e rabequeiro. Teve muitos filhos, dentre eles Seu Chico, pai de Bastião e contador de muitos causos. Itin deixou de herança para o neto uma rebeca: um instrumento alemão, vermelho, trazido de São Paulo, que contam ter sido na época bastante caro. Um parêntese na história: Alguns, se vissem a rebeca vermelha me afirmariam com convicção se tratar de um violino. Ao que eu lhes retrucaria: quem toca, chama de que nome? Pedindo ajuda a Shakespeare, vou burlar o Descartes e afirmar que, nesse ponto, “ser ou não ser” é algo inexato. O instrumento não é um fim em si mesmo, mas está inserido numa trama cultural bem maior de significados. Inclusive, há quem corrija a palavra “rebeca”: “É ra-be-ca o certo, com ‘a’.” Quanto a isso, é sempre bom lembrar que esse questionamento não aparece na vivência da comunidade tradicional, mas está associado a olhares externos de congelamento/padronização da tradição, para que “não se perca”, ou mesmo de uma imposição linguística, para que se definam fronteiras culturais. Alguém acha mesmo que Sebastião está se importando com o fato do instrumento se chamar rabeça, rebeca ou até mesmo violino? Um outro exemplo: alguém já teve uma avó que falava “bassoura”? Bem... e por acaso o objeto deixava de varrer porque era uma bassoura e não uma vassoura? Além do mais, no quesito etimológico, a palavra rebeca está mais próxima do nome de origem (rebec, de origem árabe). Rebeca é um produto cultural, faz sentido no contexto (dinâmico) a que pertence. É o fenômeno da “instrumentofagia” dos rabequeiros: a assimilação do objeto musical dentro da cultura tradicional. Vale lembrar que o violino já foi chamado de rabeça no passado (há documentos históricos de grades de orquestra onde os violinos aparecem como rabeças). A questão é tão mais complexa que no interior do Ceará, o nome popular da rabeça é “violim”. Para Sebastião, o violino vermelho era uma bela de uma re-be-ca, e da melhor qualidade!

Sebastião contou que Itin tocava com uma rebeca de cinco cordas, com uma afinação diferenciada da dele (cavaquinho) a qual não sabia ao certo. Dias depois, durante a visita a Seu Domingos, um rabequeiro antigo da região, descobrimos algumas pistas que sugeriam uma hipótese para a afinação usada por Seu Itin, mas esse é outro capítulo. Itin é o patriarca rabequeiro da região, todos demonstram muito respeito a sua pessoa e prestam-lhe homenagens.

Um fato curioso sobre a Folia de Ribeirão de Areia e sobre a cultura local da comunidade é o respeito pela ancestralidade de uma forma diferenciada. Isso se reflete por exemplo na tradição da Folia de Ribeirão de Areia tocar e cantar no cemitério (biblicamente a morada dos mortos, o que pode significar um sincretismo). Enfatizo aqui o ato de cantar, pois tem folião que diz que não canta em cemitério, mas toca. Isso me leva a uma reflexão sobre o poder da palavra em situações ritualísticas e mágicas. Já por outro lado, tem Folias que não tocam nem cantam em cemitério. O ritual da Folia de Ribeirão dura oito dias e passa por todas as casas (mais de setenta). Os Foliões vão todos a cavalo, de rancho em rancho, e já teve vezes que ficaram três noites sem dormir realizando o festejo. A cachaça faz parte da tradição e é servida pelo Alferes da Folia, quem desempenha o papel de anfitrião e porta bandeira do grupo.

Uma das propostas sugeridas pela equipe de pesquisa era visitar o lugar que está enterrado o corpo de Seu Itin, onde diziam ter um arco e uma rabeca no pé do túmulo. A equipe já havia combinado com Sebastião a ida a esse lugar especial e simbólico para a presença da rabeca na região. A princípio essa imagem me encantou: poder entrar em contato com essa ancestralidade que tanto se relaciona com o meu instrumento. Mas estando em Ribeirão de Areia no contexto da pesquisa, desempenhando esse papel, senti um profundo incômodo: me vieram vários questionamentos sobre eu estar sendo invasiva, afinal, eu nem pertencia à comunidade e estava indo visitar o túmulo do patriarca. Como as pessoas iriam reagir? Como as pessoas se sentiriam? Desrespeitadas? Fiquei muito preocupada e desconfortável. Foi pior quando soube que iríamos a primeira vez ao local do túmulo fazer umas imagens sem a presença do Seu Bastião (que teve que ir à cidade resolver algumas coisas). Pensei nesse momento: quem sou eu pra ir visitar o túmulo do avô do Bastião sem ele? Aflição. Buscava na expressão das pessoas da comunidade algum traço de estranhamento com o que estava acontecendo, mas sinceramente não vi. Por fim, chega Iury, nosso guia juvenil, uma criança pré-adolescente cheia de vida e alegria. Ele seria nosso guia, nos levaria para todos os lugares. Conhecia os caminhos.

Chegamos. Pé de morro. O lugar era todo coberto de cerrado. Subimos em meio a arranhões e malabarismos levando os instrumentos e equipamentos. Era quase meio-dia. Sol a pino, a hora mágica do sertão. Seu Itin havia pedido que fosse enterrado no alto do morro. Com ele, estava enterrada também sua esposa e filha. Chegando lá, vi os dois túmulos juntos, cercados por estacas de madeira e duas cruzes. Era um lugar aplainado, chão de areia ao redor dos túmulos e algumas árvores com sombra nos arredores. A vista era fantástica. Podíamos ver os buritizais, o cerrado, a natureza vibrante do sertão mineiro.

Confesso que em algum momento passou pela minha cabeça: “bom lugar pra ser enterrado”. Mas, antes de mais nada, desde a subida, numa espécie de peregrinação, fui pedindo licença por estar naquele lugar, na esperança que o próprio Itin me ouvisse, tentando falar com os mortos coisas que não conseguia com os vivos. Me esforcei pra chegar com o maior respeito que pudesse demonstrar. Silêncio, pássaros e alguma brisa soprando. Vi o arco ao pé do túmulo, já maltratado pelo tempo. As madeiras que circundavam as covas, tinham no topo várias pontas, o que me deixou curiosa. Em outra ocasião, Sebastião havia me dito que era por conta da ação da chuva. Me pediram pra tocar. Nada que eu já não esperasse – o que não aliviava meu constrangimento. Pedi licença mais uma vez e pensei: “Seu Salustiano, espero que goste”. Não sabia o que tocar, que tipo de música demonstraria meus respeitos a ele. O menino Iury, nosso guia, era o espelho que poderia me conduzir a alguma resolução ou resposta às minhas inquietações, mas senti que pra ele aquela situação era inédita, e que esperavam de mim algo assim também: inédito.



Então aconteceu o mais natural: comecei a improvisar o que vinha, numa espécie de conexão comigo mesma e com o lugar. Acreditem ou não, foi a melhor e mais sincera solução. E atenção: foi nesse momento, na primeira arcada, que aconteceu algo mágico: vento! Corrente forte de vento! Foi tão instantâneo que fiquei meio perplexa e me concentrei pra seguir tocando com naturalidade. Uma comunicação do além? No encantamento, me lembrei das novenas que tocava junto a Mestre Zé do Pife. Me deixei levar numa espécie de transe musical e comecei a circundar os túmulos tocando a minha rabeca. Por fim, quando senti que era o momento, parei. Silêncio. “Meus respeitos!” Pensei. Despedida e agradecimentos. Fomos embora. Agora reflito: só podemos ser nós mesmos. No momento, me incomodou o fato de não saber sequer uma música de Folia de Reis pra tocar, ou saber o que era adequado pra ocasião. Eu estava tão longe disso... Entretanto tinha a lucidez de que não podia me cobrar nesse sentido, além do desejo de estabelecer uma conexão sincera com o local.

No sentido desse esforço, penso que busquei a musicalidade circular das novenas das Bandas de Pife, o gestual da dança e movimentação, e mesclei isso as minhas referências musicais outras. Quando tocava com Mestre Zé, eram dez minutos da mesma música: eu parava de me importar com a forma, com a quantidade de repetições e me entregava a situação; íamos caminhando e realizando a movimentação característica e nisso deixava de lado minha inconformidade musical moderna.

O fato é que após quinze anos tocando, isso ficou impregnado de tal forma no meu agir, que simplesmente foram espontâneas minhas voltas ao redor dos túmulos tocando. E tudo isso aconteceu sem cálculo, num momento só: de forma semiconsciente veio à tona a música e as vivências espremidas dentro de mim, numa explosão de arte no alto do morro do cerradão, tocando em respeito ao(s) Mestre(s), mas também pra mim mesma e para os presentes. Devido à espontaneidade do momento, não houve muito lugar pra julgamentos internos, do tipo: “ah, você está tocando influenciada por uma cultura nordestina no sertão mineiro.”

A verdade é que eu sou ponte, não muro, sou confluência de culturas, sou o que a cada dia me transpassa. Assim também é a cultura: cheia de dinamismo. O que está sem movimento geralmente já morreu ou está sob um grande esforço de controle. Os objetivos desse controle são algo a ser pensado. E de lá saí com a lição confirmada: só podemos ser nós mesmos.

¹ Mestre Zé do Pife é um pernambucano de São José do Egito radicado no DF. Tem papel fundamental na propagação da cultura popular na cidade, tendo inúmeros aprendizes a quem ensina a arte de tocar o pífe e os instrumentos próprios da tradição da banda cabaçal de onde veio. Fundou há 15 anos junto com nove moças a banda Mestre Zé do Pife e as Juvelinas.



Maísa Arantes em Ribeirão de Areia



Fui percebendo a dinâmica familiar ao longo dos dias. Matheus, o filho mais novo, estava sempre auxiliando a mãe e o pai no que precisavam. Cursava o ensino técnico em agronomia na Chapada Gaúcha, cidade a qual pertence o município de Ribeirão de Areia. Era bastante responsável, inteligente e adorava jogos na internet. Estava ligado nas redes. Gostava e respeitava a Folia de Reis, embora fizesse questão de dizer que não tocava. Timidez de adolescente. Ele pegou o pífano que levei pra viagem e não o deixou de lado um dia sequer, estava sempre tentando assoprar e tocar. Asa branca e o Rio de Piracicaba faziam parte do seu repertório. Certa vez, quando pegou o violão, começou a tocar uma melodia da Folia. Talentoso que só!

Em nenhum momento notei que Sebastião repreendeu algum jovem ou criança que tentasse tocar em suas rabecas e demais instrumentos. Ao contrário, ele até contava causos que uma ou outra rebeca tinham se estragado por uma brincadeira infantil. Mas reprimir... não! Pude ver situações extremas em que ele poderia ter uma reação negativa, quando por exemplo uma criança pegou a rabeca de herança do avô e começou a tentar tocar. Da mesma forma com relação ao aprendizado da construção do instrumento.

Certa vez à noite, lá pelo terceiro dia de visita, Sebastião foi trabalhar em uns arcos. Ficamos ali batendo papo com ele enquanto entalhava o cedro. Felizmente estávamos cada vez mais à vontade, uns com os outros. Determinado momento, chegou Matheus e começou a mexer nas ferramentas, sentou na banquetta do pai, pegou as madeiras e começou botar a mão na massa, entalhar com o facão, lixar. Conversou com a gente sobre as rabecas que estavam na oficina, os trabalhos que o pai já tinha feito, rabeca de lata, e até rabeca de PVC! Tudo com admiração e destreza na mão. Eu fiquei chocada com a tranquilidade que Sebastião teve com o filho nessa ocasião, com o respeito entre os dois também. Confesso que esperava um: “Sai daí menino! Você vai se cortar!” ou ainda “Vai estragar tudo”. Claro que ele não deixava Matheus sem instrução, chegava e orientava o adolescente que, com ar de sabichão, prosseguia no manejo. Depois de tudo isso, me restou constatar a postura diferenciada de Bastião no processo de ensino-aprendizagem dos mais jovens em relação ao que ocorria nas gerações anteriores.

Notei ainda que tanto Matheus quanto Iury se envolveram com a música e com os instrumentos enquanto estávamos lá. Certa vez, Iury me viu tocar e logo pegou a rabeca pra tocar também. E ficou do meu lado, numa espécie de imitação rítmica do arco e do resfulengo que eu fazia. Estava se empenhava ludicamente para aprender, interagindo musicalmente. Mais tarde, Sebastião contou ainda que tinha desejo que a cultura da rabeca continuasse, de sua disposição em ensinar qualquer um, tanto a tocar, quanto construir. Disse que gostaria de montar uma oficina pra ensinar as pessoas a construírem rabecas. É um sonho!

Numa dessas ocasiões de trabalho e conversa, Sebastião contou a história da vez que comprou uma árvore de cedro. Sim, a peça inteira. Chegou a comentar que o vendedor demorou a trazer, e que ele mesmo foi cortar e buscar a madeira. Super agilizado. Lá chegando, pode escolher entre duas árvores. Disse que preferiu a menos robusta, visto que observou no topo da maior uma espécie de abacaxi voador (praga que estraga a madeira). Assim sendo, tombou a árvore e começou a dividi-la em partes. Levou pra casa, missão cumprida! Sua tristeza foi grande no dia seguinte. A madeira começou a estalar e criar fendas. Como diziam os mais velhos, “a madeira tem vento dentro” e procura lugares pra sair. Perdeu quase toda a peça, mas aprendeu a lição que é preciso aguardar antes de dividir a madeira. Contou também que certa ocasião durante a folia, fez um cavalete de osso para remediar um que se estragou. Usou o osso por ser o material mais fácil à mão.

Foi um alívio para mim poder subir o morro de seu Itin junto a Bastião. Às quatro horas da manhã estávamos prontos. Queríamos pegar a luz do alvorecer. Chegamos e subimos o morro. Ao pé do túmulo, Seu Bastião acendeu uma vela e ficamos em silêncio. Notei que ele estava sem rabeca. Afinei a minha na afinação dele e passei o instrumento. Logo após, ele se dirigiu pro túmulo dos avós e tocou. Momento de respeito, solene. Emocionante. Dessa vez voltei a tocar novamente, com até mais confiança após o episódio passado. E também por notar que não havia incômodo da parte de Bastião. Me senti menos preocupada. Importante relatar que embora aquele lugar tivesse mais significado pra ele que pra nós, talvez a postura dele fosse mais realista, mais “natural” diante dos fatos. Com certeza a gente idealizava mais a situação do que ele, que já fazia parte daquilo tudo, e que tudo aquilo já fazia parte dele. Bastião conversava de forma descontraída sobre a região, falava sobre as plantas, algumas contra mau-olhado. Lembro que dessa vez me mostrou um capimzinho que tinha a raiz cheirosa. Fiquei feliz. Não demonstrou em momento algum que se sentia invadido ou que estávamos desrespeitando o lugar. Ficou mais evidente que essa era uma preocupação minha.

Ribeirão tem suas superstições: histórias de luzes que caminham a noite chegando a “passear” dentro das casas, histórias de tesouros enterrados, a mãe do ouro (uma bola de luz que dizem caminhar sobre locais onde tem ouro), assombrações e muitas outras coisas sem explicação, mas que eram comuns por ali. E eu confesso que acreditei. Algumas a gente até brincava como se fossem histórias de “chupa-cabra”.





O mangueiral era especial: chamavam de “o lugar dos encantados”. Era simplesmente um local no meio do cerradão, perto de um rio, coberto por mangueiras enormes. Muitas mangueiras. Dizem que eram de uma fazenda da época da escravidão, e que as árvores já estavam lá antes dos atuais moradores chegarem na década de 1950. Sebastião contou certa vez que quando criança conheceu Mané Preto (como era chamado). Mané era quem regava as mudas das mangueiras. Ele faleceu aos 122 anos! Antigamente os próprios habitantes tinham medo de passar pelo mangueiral de noite: tinha gente que ouvia vozes, sentia presenças espirituais, ou mesmo via vultos. Muitas histórias acerca do local. Dizem que um homem certa vez ouviu os espíritos falando que ali tinha ouro enterrado. Ele decidiu procurar e desde então nunca mais foi visto na região. Desapareceu. E com isso, se acalmaram as “intervenções” do além. Matheus contou que, certa vez, um pai e um filho voltavam pra casa a noitinha após o trabalho, passando por ali a cavalo, e viram algo de esquisito e mal-assombrado e danaram-se em disparada. Diz que correram tanto, mas tanto que o filho gritou: “Pai, tô caindo”, ao que o pai respondeu: “Se cair, fica!”. E meteu a espora. Não contive a risada. O mangueiral é um lugar muito respeitado pela comunidade.

Para Bastião, a rabeca é um instrumento primordialmente religioso, ligado às manifestações tradicionais de sua cultura. A partir de conversas e demonstrações dos Foliões, pude notar alguns ritmos musicais presentes dentro da Folia de Ribeirão, como os Benditos, as Rezas, o “Reis”, Lundú, Quatro, Inhuma e Passadagem. A instrumentação varia de acordo com o estilo, em alguns casos se restringindo a viola apenas.

Importante notar que somente homens integram o corpo musical da folia. Mas em paralelo, do lado de fora das casas, acontecem as rodas: brincadeiras cantadas tradicionalmente puxadas por mulheres. Ainda na ocasião da subida com Bastião ao morro de Seu Itim, perguntei a ele sobre a presença feminina na Folia de Ribeirão. Ele disse que só homem tocava. Em seguida, num gesto de sensibilidade, me convidou a tocar com eles na próxima Folia de Reis. Seu Sebastião me convidou pra tocar na Folia? Fiquei de boca aberta. Poxa, que responsabilidade! Depois, refleti diante do ocorrido: Tantas mulheres na região, nenhuma no corpo musical da Folia, não por serem incapazes, mas talvez pela falta cultural de incentivo.

O fato de eu ser de fora e tocar o instrumento foi capaz de provocar uma mudança de paradigma, que talvez já estivesse perdendo sua força no contexto das relações de gênero na comunidade. Talvez eu fosse o pontapé inicial, inspiração para que outras também se sentissem incentivadas e abrisse possibilidades de um lugar pertencente as mulheres. Talvez, a apropriação pelas mulheres das tradições da folia pudesse se constituir também como uma forma de preservação/transformação dessas tradições em favor de novas formas de organização coletivas da comunidade.

Oxalá essas mudanças caminhem pra que haja mais igualdade num futuro próximo. Aqui gostaria de lembrar que os papéis de gênero pertencentes à comunidade e à Folia de Reis são definidos dentro de uma lógica cultural própria, tradicional, não devendo ser enquadrado dentro do mesmo referencial de desigualdades e violências que acontecem na cidade grande, em outra escala. Na opinião de Sebastião, qualquer mulher, qualquer homem, todo mundo é capaz de tocar.

Um dia fomos visitar Leidijane e Luzin. Ela, mulher forte, artista bordadeira, professora e super articulada na comunidade, uma liderança natural. Veio de Januária (MG) e casou-se com Luzin (irmão de Bastião e sanfoneiro da Folia de Ribeirão). Tinham três filhos pequenos. E foi nessa ocasião que descobrimos a existência de Seu Domingos. Diziam ser um rabequeiro velho, que não tocava mais na folia, mas que sabia músicas que ninguém mais tocava. Vibrei de emoção! A visita seria mediada pelo próprio Mestre Bastião, que foi pessoalmente convidar Seu Domingos para participar da pesquisa.

Voltando à questão da afinação do instrumento, com o passar dos dias, percebi que a afinação da rabeca para Sebastião tinha uma necessidade prática flutuante, no sentido de que mais importante do que estabelecer a altura fixa de cada uma das quatro cordas soltas, era manter a proporção intervalar entre elas (no caso 4J, 3M e 3m – do grave pro agudo). A definição da altura exata de cada corda fazia-se, de fato, relevante quando ia tocar com a Folia ou com outras pessoas e grupos. “A afinação da Folia é em Fá”, disse. Neste caso, a afinação utilizada na rabeca era Dó, Fá, Lá, Dó, do grave para o agudo, um arpejo de Fá Maior.

Era Sebastião quem afinava a maior parte dos instrumentos dos Foliões, inclusive as violas. Tinha como referência o acordeão e também uma espécie de apito-afinador que emitia a nota Lá. Chegou a comentar que antigamente a afinação era em Sol, mas devido ao envelhecimento dos cantores, a voz foi ficando mais grave e solucionaram a situação afinando um tom abaixo. Interessante foi o fato de que não apenas a rabeca passou a ser afinada um tom abaixo, mas todo o conjunto de instrumentos de cordas (violão, viola, cavaquinho). Essa solução prática e eficiente permitiu que os tocadores mantivessem as posições dos dedilhados e conseguissem alterar a tonalidade do canto, cabendo apenas à sanfona fazer a transposição. Mais uma vez, observa-se que a música se afirma ligada à tradição da Folia de Reis, não tendo em si uma finalidade própria, se afastando do conceito “arte pela arte” ou do sentido profissional presente na sociedade urbana moderna.

Percebi que na comunidade a aprendizagem acontece através da observação e da vivência musical no contexto da folia, aliada a uma espécie de autodidatismo. Aprendem de ouvido. Seu Sebastião é um exemplo clássico dessa história. Embora tenha tido Seu Itin como referência, e com certeza aprendeu observando a figura dele, Bastião tornou-se sucessor e continuador da tradição, mas não estabeleceu com o mais velho uma relação de discípulo, não utilizando sequer a afinação e o tipo de instrumento do avô (cinco cordas). Mestre Sebastião, como disse em sua própria frase, “usou do que foi preciso” para criar sua forma única de tocar e de construir o instrumento: a partir do seu desejo, intuição, necessidade e habilidade.



Folia de Reis de Ribeirão de Areia





Diário de Campo

Maísa Arantes

Seu Dominginhos

(Domingos Gonçalves Santos)

Comunidade de Ribeirão de Areia

Chapada Gaúcha (MG)

Novembro de 2020

Seu Dominginhos foi um encontro inesperado na caminhada. Soubemos da sua existência ao longo da imersão e pesquisa com Mestre Sebastião, em Ribeirão de Areia, comunidade no município de Chapada Gaúcha. Certa vez, quando fomos visitar Ladyjane e Luzin, irmão de Bastião e sanfoneiro da folia, alguém despreziosamente perguntou se pela região havia algum outro rabecueiro. E pra nossa surpresa, disseram que havia Seu Domingos: um senhor mais velho, que vivia um tanto afastado, tinha um “barbão” e tocava umas músicas que ninguém mais tocava, música dos antigos. Nem acreditei. Pronto! Que maravilha! Poder conhecer ele e a esposa, Dona Mercê, foi um presente do caminho, desses que apenas a pesquisa de campo possibilita.

A forma como foi construído o contato com Domingos, através da mediação e intimidade de Mestre Sebastião, fez com que a pesquisa se tornasse objetiva, sem perder a densidade, pois não tínhamos muito tempo pra conviver com Seu Dominginhos. Passamos uma parte da tarde na varanda de sua casa, circundada por um pasto verdinho com criação de gado, tudo bem cuidado. Na chegada, após a porteira, avistamos logo a casa e na sua frente, já mais perto, aviõezinhos suspensos por estacas de madeira acima da cerca. Tinham hélices que não paravam de rodar pela excelente ventilação. Feitos por Dominginhos. Tinham até um mini piloto dentro! Era definitivamente algo que eu não esperava encontrar ali. Mas Seu Sebastião já tinha comentado que Dominginhos era um homem muito habilidoso e inventivo: construía de forma refinada, trabalhava madeira e outras coisas. Encantada com sua engenhosidade, fui adentrando o quintal e logo percebi que ele já estava ali deitado na rede, nos esperando.

Levantou-se, cumprimentou a todos nós com alegria. Era um senhor baixinho, magro, dos olhos bem azuis. Tinha a pele marcada, de quem trabalhava ao sol. Nos apresentamos, falamos sobre o projeto de pesquisa. Passado um tempinho, tirei a minha rabeca e mostrei pra ele. Ele deu uma tocada, conseguiu interagir com aquela afinação. Pensei que afinasse como eu, mas surpresas iriam ser reveladas. Um pouco depois, como quem não quer perder tempo, Dominginhos saiu da rede pra dentro de casa já voltando com a sua rabeca!



Seu Domingos nasceu no ano de 1936. Atualmente com oitenta e quatro anos, diz que começou a tocar rebeca aos quinze. Aprendeu com os rabequeiros da Folia de Rio Pardo, região perto de Buracos, onde nasceu. Posteriormente, mudou-se pra Ribeirão de Areia, onde vive desde 1958. Disse que no início construía suas próprias rabecas, mas desde a sua penúltima, estava usando as que o filho trazia de São Paulo.

A rebeca de Seu Domingos era um instrumento industrializado, provavelmente importado da China. Tinha quatro cordas, e a afinação era bem diferente de tudo que já vi: do grave pro agudo, as duas primeiras eram afinadas em uníssono, da segunda pra terceira e da terceira pra quarta o intervalo era de quintas justas. Ele afinava o instrumento de ouvido. Domingos também usava uma digitação que me deixou impressionada: pra fazer as notas no braço, usava apenas o dedo médio, o anelar e o mindinho. Isto é, o dedo indicador, que é considerado de maior coordenação motora, ele usava apenas como apoio.

Depois, comentando sobre isso com Sebastião, ele disse que fazia o mesmo, pois ficava cansado de tocar na mesma posição e depois trocava. Isso porque no contexto musical da Folia de Reis, os foliões tocam e cantam horas a fio sem parar, por vezes dias. Fiquei chocada. Ambos seguravam a rebeca voltada pra cima e apoiada entre o peito e o ombro. Seu Dominginhos tocou na folia de Ribeirão de Areia até os oitenta anos (tinha parado há quatro por conta da idade). Contam os Foliões que ele ficava muito feliz quando a Folia visitava sua casa pela época de Reis.



Encontro com Seu Domingos

A visita, apesar de curta, permitiu que a gente ouvisse bastante seu Domingos. E não porque o exigimos demasiado, enchendo de perguntas, mas pela força de vontade e alegria que teve em tocar pra nós. Tocou incessantemente: benditos, rezas, reis, lundús, quatro... foi uma tarde cheia de música. Ele cantava algumas também enquanto cantava. E o desejo transbordava! Penso que estava com saudades de tocar. Foi muito bom!

Sebastião, que foi com a gente na casa dele, conta que Domingos e o avô Itim tocaram juntos na Folia e até trocavam suas rabecas, sem problemas. Talvez a afinação fosse bem parecida, visto que a rabeca de Seu Itim tinha cinco cordas. Será que as rabecas feitas por Seu Domingos antigamente tinham cinco cordas também? Será que o jeito de afinar de Seu Domingos poderia indicar também a afinação usada pelo Seu Itim, avô de Sebastião?

- Dominginhos, toca uma ladainha aí!" – disse Sebastião.

- Ladainha? E quem é que gosta de Ladainha? – retrucou amigavelmente.

Seu Domingos também já havia tocado pé-de-bode (a sanfona de oito baixos); era multi-instrumentista e gostava de cantar quando tocava a rabeca. Tocou muitos lundus. Estava animado e com muita disposição.

Ao final de nossa visita, Dona Mercê fez questão de servir um suco, uns biscoitos. De lá a gente não saía sem comer uma coisinha. Contou histórias da festa em Serra das Araras, cidadezinha próxima onde tinha uma festa famosa, onde as moças iam arranjar casamento e se casar. Tinha forró, mas não era bem visto por pai de família. Uma viagem no tempo. Acabamos descobrindo sua parentela com Seu Sebastião.

Ao finalzinho, na despedida, tocamos nós três debaixo de um lindo pé de flamboyant na frente da casinha deles, casinha que ele tinha construído com as próprias mãos. "Só pagamos pra botar telha".

Obrigada Seu Domingos e Dona Mercê!



Encontro com Seu Domingos e família



Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

FAC FUNDO DE APOIO À
CULTURA
DO DISTRITO FEDERAL



**incenti
VEM**

Secretaria de
Cultura e
Economia Criativa

